



MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. **Perplexidades de criança em *A descoberta do mundo: o espelho de Clarice***. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, Julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

## **PERPLEXIDADES DE CRIANÇA EM A DESCOBERTA DO MUNDO: O ESPELHO DE CLARICE**

Vera Lucia Albuquerque de Moraes\*

### **RESUMO**

Clarice encantava-se com crianças dotadas de sensibilidade e de poder de reflexão que denunciavam uma lógica outra – desvinculada dos olhares e dos preconceitos civilizatórios do universo adulto. A impressão do olhar que capta a coisa em si, deslumbrado com formas, cheiros, cores, nuances, texturas, apreendidos por primeiros sentidos, numa primeira leitura, delimita uma espécie de campo virgem cujas imagens projetam uma escritora incessantemente voltada para a busca dessa vertente essencial.

**PALAVRAS-CHAVE:** criança, mulher, Clarice Lispector.

### **ABSTRACT**

Clarice was charmed by children endowed with sensitivity and power of reasoning, which would denote another kind of logic, unbound from the understandings and prejudices of the adult world. The impression of the first glance which captures the thing itself, fascinated with forms, smells, colors, nuances, textures, apprehended by first senses, as in a preliminary reading, delimits a kind of virginal space whose images project a writer incessantly concerned with the search for those essential substances.

**KEYWORDS:** children, woman, Clarice Lispector.

---

\* veralual@hotmail.com

Mestre em Teoria Literária pela UFRJ e Doutora em Sociologia pela UFC. Professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Suponhamos que se pudesse educar uma criança tomando como base a determinação de conservá-la os sentidos alertas e puros. Suponhamos então que essa criança se tornasse artista e fosse artista. Se pintasse, é provável que chegasse à seguinte fórmula explicativa da natureza: pintaria um homem comendo o céu. Nós, os utilitários, ainda conseguimos manter o céu fora de nosso alcance. Apesar de Chagall. Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*.

Andréa Azulay tinha 9 anos e gostava de escrever histórias curtas e poemas. A personalidade da criança promovia, algumas vezes, uma grande reviravolta no íntimo da escritora, tendo como consequência, em suas narrativas, a adultização da criança e a infantilização da escritora e/ou narradora, numa singular inversão de papéis, ante o impacto de “verdades” pressentidas pela ótica infantil. Foi assim com Andréa Azulay, também com Ofélia, personagem do conto “A legião estrangeira”, e com pequenas histórias do cotidiano, colecionadas por Clarice, em que sobressaem seus diálogos com os filhos pequenos – diálogos esses que ela vai salpicando, aqui e ali, para delícia do leitor, no livro *A descoberta do mundo*. São pensamentos espontâneos e inocentes que respiram pureza e liberdade e que parecem extraordinários aos olhos de Clarice e aos nossos olhos.

Lícia Manzo, no livro *Era uma vez: Eu* (2001), considera que escrever com os sentidos alertas e puros, assim como a criança que ainda não civilizou o seu olhar, fazendo reviver o “coração selvagem”, parece ser um dos desafios mais sérios que a escritora se impõe em toda sua obra. Guiada por esses princípios, em 27/06/1974, Clarice Lispector envia uma carta a sua pequenina amiga Andréa em que aconselha:

Desejo-lhe que nunca atinja a cruel popularidade porque esta é ruim e invade a intimidade sagrada do coração da gente. Escreva sobre ovo que dá certo. Dá certo também escrever sobre estrela. E sobre a quentura que os bichos dão à gente. Cerque-se da proteção divina e humana, tenha sempre pai e mãe – escreva o que quiser sem ligar para ninguém. Você me entendeu?

Um beijo nas suas bochechas de princesa

Clarice

Lispector voltava sua atenção com facilidade para o talento dessa menina, para as primeiras reflexões de seus filhos pequenos e de outras crianças que frequentavam a sua casa, na intenção de impregnar-se “desses primeiros sentidos”. Na opinião de José Américo Pessanha (1972), essa relação

da escritora com crianças é um convite para que retomemos a realidade viva e autêntica da pessoa, impulsionando um mergulho no “eu profundo”, pois as crianças – com seus olhinhos espantados e muito abertos para o mundo – contêm em si muito mais espontaneidade e estesia. Como desenhar, ou representar, o que ainda não se inseriu no terreno da “representação”, o que ainda não se travestiu em “persona”? O ato de “ser”, pretendido pela escritora, parece facilmente ao alcance das crianças e dos animais, o que justifica o enorme interesse de Clarice em observar, com lente de aumento, as reações desses universos tão singulares.

A escritora identifica essa atmosfera de primeiras descobertas com os primeiros calores da primavera e com o amor, em sentido maiúsculo:

A felicidade me deixa com um sorriso de filha. Estou toda bem penteada. Só que a espera já não cabe mais em mim. É tão bom que corro o risco de me ultrapassar, de vir a perder a minha primeira morte primaveril, e, no suor de tanta espera tépida, morrer antes. Por curiosidade, morrer antes: pois já quero saber como é a nova estação. Mas vou esperar. Vou esperar comendo com delicadeza e recato e avidez controlada cada mínima migalha de tudo, quero tudo, pois nada é bom demais para a minha morte que é a minha vida tão eterna que hoje mesmo ela já existe e já é (1999, p. 35).

Na relação de Clarice Lispector com seus filhos pequenos, ficamos comovidos com o poder de sedução da palavra infantil, provocando uma inversão dos papéis tradicionais no processo de conquista do outro. São metáforas que apontam para o deslocamento das funções sedutor/seduzido: a mãe é seduzida pelo discurso do pequenino que anuncia “verdades” de primeiras descobertas, revelando, nessa ação, o humor que perpassa o contexto, uma vez que o olhar passa dos conhecimentos sedimentados do adulto a situações de estranhamento pelo inusitado dos sentidos apreendidos nas conversas infantis: “– Mamãe, vi um filhote de furacão, mas tão filhotinho ainda, tão pequeno ainda, que só fazia mesmo era rodar bem de leve umas três folhinhas na esquina” (p. 287).

Em outra ocasião, dois meninos conversavam sobre o significado das palavras “concreto” e “abstrato”. Pelo contexto, entende-se que são pequenos, que são os filhos de Clarice Lispector e que estão disputando para ver quem é o mais inteligente e perspicaz – enfim, quem tem mais conhecimento, mas quem também é mais esperto. Perto do final do texto, lemos o seguinte diálogo:

- Fantasma é concreto?
- Qual? O de lençóis?
- Não, o que existe.
- Bem... Bem, seria supostamente concreto.
- Mãe é concreto ou abstrato?
- Concreto, é claro, que burrice.

No quarto ao lado a mãe parou de coser, ficou com as mãos imóveis no colo, inclinando um coração que este batia todo concreto (p. 433).

Mais uma vez, a palavra é colocada pela autora com poder de sedução através da inversão dos papéis tradicionais no processo de conquista do outro. O posicionamento novo da relação adulto-criança, o questionamento do ser e do mundo e um profundo psiquismo marcam fortemente a presença de Clarice Lispector na literatura brasileira do século XX, afirmando nova estética e nova postura ideológica do narrador ante o cotidiano. Clarice consolidou, entre nós, a narrativa introspectiva, a densidade psicológica, a descontinuidade narrativa, o monólogo interior, a digressão, a fragmentação episódica, entre várias estratégias discursivas. Seu olhar para a infância apresenta não só crianças como personagens, mas processa a intersubjetividade entre o mundo adulto e o mundo infantil com extrema delicadeza, já que, inúmeras vezes, essa relação se apresenta conflituosa, conturbada, em busca de uma solução. O “ser criança” é uma incógnita para a escritora que sempre procurou novos subsídios aos seus conhecimentos dessa fase da vida, tomando cenas familiares e domésticas como foco de aguda observação para sua aprendizagem.

Lícia Manzo (2001) comenta:

Em Washington, na mesma época em que escrevera *O Mistério do Coelho Pensante*, Clarice começara a colecionar num caderno frases ou diálogos inteiros extraídos de seu cotidiano com Pedro e Paulo, ainda pequenos. Intitulado “Conversas com P”, o caderno traz anotações onde Clarice procura reproduzir o encantamento diário que lhe era proporcionado pelo convívio com as duas crianças (p. 184).

Manzo considera que talvez Clarice Lispector estivesse buscando nesses contatos um pouco de “mágica de linguagem”, expressão cunhada por Octávio Paz, em artigo intitulado *A dialética da solidão*. Nesse texto, o escritor afirma que, no mundo da criança, os objetos são capazes de responder às suas perguntas, uma vez que a língua, despida de suas significações intelectuais, deixa de ser um conjunto

de signos e volta a ser um delicado organismo de imantação mágica. A criança, no simples ato de pronunciar a palavra, coloca em movimento toda a realidade que ela designa, como num passe de mágica. Paz conclui que, nesse momento, falar volta a ser uma atividade criadora de realidades, isto é, uma atividade poética. A criança, em virtude da magia, cria um mundo a sua imagem e assim resolve a sua solidão. Através das crianças e dos animais, Clarice Lispector ambicionava tornar-se “inocente” em sua literatura, por isso escreve que o ponto de partida para atingir esse estado tão desejado deveria ser: **não sei**.

Quando penso que, muito menina ainda, eu dava aulas particulares (...) de português a ginásianos, mal acredito. (...) Era com o maior tédio que eu dava as aulas de gramática. Depois, felizmente, vim a esquecê-las. É preciso antes saber, depois esquecer. Só então se começa a respirar livremente (1999, p. 544).

Interessante perceber como a escritora põe seu foco de percepção em meninos e meninas entre 8 e 10 anos. No livro *A descoberta do mundo* (p. 315), um de seus filhos anuncia: “– Amanhã faço dez anos. Vou aproveitar bem este meu último dia de nove anos.” Depois de fazer uma pausa, diz para a mãe: “– Mamãe, minha alma não tem dez anos. Acho que só uns oito.” Constatando um descompasso entre a idade cronológica e a idade da alma, ele sentencia: “– Mas eu acho que se deviam contar os anos pela alma. A gente dizia: aquele cara morreu com 20 anos de alma. E o cara tinha morrido mas era com 70 anos de corpo”. Essa reflexão torna a criança um tanto triste e ela começa a cantar em sua própria homenagem porque insiste em dizer que não aproveitou bem seus dez anos de vida. Quando a mãe responde que isso não é verdade, que o menino aproveitou muito bem sua vida, ele explica: “– Não, não quero dizer aproveitar fazendo coisas, fazendo isso e fazendo aquilo. Quero dizer que não fui contente o suficiente.”

Vânia Maria Resende, em *O menino na literatura brasileira* (1988), referindo-se ao livro *O risco do bordado*, de Autran Dourado (1973), aponta conflitos semelhantes vividos pelo escritor durante o seu amadurecimento: a vida de menino é a percepção sensível, pura, intrínseca, que, mais tarde, o escritor continuaria cultivando para servir de alimento a sua arte. A construção do labirinto da sua ficção se consolida através de uma visão mítica, concebida pela junção do imaginário da criança ao do escritor adulto:

É que menino vê muito, vê até demais da conta. Só que vê de través, junta o que sentiu e as coisas que aconteceram mesmo. Visão de menino é que nem visão de santo, tem lume nas bordas, pinga estrelas. Olho de menino vive cheio de neblina, depois

com o tempo clareia, ou se apaga, não sei. Depois a gente vê melhor, melhor não digo, vê diferente, a força de antes vai minguando no escorrer do tempo. Tudo em menino é girândola, grito, susto, foguetório, brumado de sonho (Dourado, 1973, p. 174).

Assim, o texto infantil surge como um espaço propício à imaginação do leitor, repleto de criatividade, oralidade e mistérios, o que contribui para despertar, além da linguagem, a fantasia infantil. Jogos de linguagem, valorização do imaginário, também reflexões sobre o real convidam o leitor a refletir sobre situações de vida e de morte. Segundo Dinis (2006, p. 1530), “[t]ornar-se criança” é procurar escrever com os sentidos alertas e puros, rompendo com a domesticação do olhar que civilizou o adulto. Essa é a liberdade proposta desde Lobato: romper com os clichês linguísticos, sociais, morais, para que se possa olhar e experimentar o mundo sempre de forma inusitada.

“Aqui em casa pousou uma esperança”. Assim Clarice Lispector inicia mais um texto em que seus filhos são pequenos atores. Estão surpresos com o aparecimento, dentro de casa, de um inseto muito especial: a transparente e pequenina esperança. A autora esclarece: “Não a clássica, que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto” (1999, p. 192).

-- Ela é burrinha – comentou o menino.

-- Sei disso – respondi um pouco trágica.

-- Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.

-- Sei, é assim mesmo.

-- Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.

-- Sei – continuei mais infeliz ainda.

(...)

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. (...) Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la.

(...)

O menino, morta a aranha, fez um trocadilho com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo. Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta pousara no meu braço. Não senti

nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: “E essa agora? Que devo fazer?” Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. É, acho que não aconteceu nada (p. 192).

Nas asas da imaginação, os leitores passeiam e voam com o pequeno inseto que é só transparência e delicadeza, como se por algum passe de mágica todo o espaço fosse contaminado com bons augúrios, uma vez que a esperança ali pousou “de corpo e alma”. A comparação final do inseto com o nascimento de uma flor nos remete a uma simbologia benfazeja, cheia de graça, de amor e de beleza. O mito do eterno feminino é o passaporte que impulsiona nossa viagem ao espaço imaginário – que extrapola uma mera sala doméstica – e nos sentimos alçados a revitalizantes esferas mágicas, tecidas de sonhos e liberdade. A coexistência do menino e do adulto, bem como a imbricação da matéria no processo de reelaboração da escrita literária, esclarece o sentido de dialogismo desses textos, em que o adulto dialoga com o menino, e o escritor com os mitos da infância.

Recebi uma lição de um dos meus filhos, antes dele fazer 14 anos. Haviam me telefonado avisando que uma moça que eu conhecia ia tocar na televisão, transmitido pelo Ministério da Educação. Liguei a televisão, mas em grande dúvida. Eu conhecera essa moça pessoalmente e ela era excessivamente suave, com voz de criança, e de um feminino-infantil. E eu me perguntava: terá ela força no piano? (...) Começou. E, Deus, ela possuía a força. Seu rosto era um outro, irreconhecível. Nos momentos de violência apertava violentamente os lábios. Nos instantes de doçura, entreabria a boca, dando-se inteira. (...) De surpresa de descobrir uma alma insuspeita, fiquei com os olhos cheios de água, na verdade eu chorava (p. 138).

Clarice, muito sensibilizada, chegou às lágrimas ante a emoção da pianista que “nos instantes de doçura entreabria a boca, dando-se inteira”. Reparou que o filho a observava e, constrangida, comentou que estava muito emocionada e que precisava tomar um calmante. Mas o rapazinho a repreendeu: “– Você não sabe diferenciar emoção de nervosismo? Você está tendo uma emoção”. A mãe achou muito ponderado o raciocínio do filho e resolveu não tomar o calmante, concluindo: “E vivi o que era para ser vivido” (p. 138).

Estamos diante de mais uma situação em que os papéis se invertem: o menino tomou atitude de adulto, e a mãe deixou-se voluntariamente conduzir pela palavra do filho. Na série de diálogos entre mãe e filho focalizados, verificamos que a mulher adulta está convencida de que a lógica da criança ou do adolescente tem mais propriedade e lucidez que a sua, por isso torna-se voluntariamente um “corpo dócil” diante dos argumentos dos filhos pequenos – argumentos esses engendrados em outra lógica, fundada na nitidez de um olhar outro, desterritorializado e descentrado, se tomarmos como parâmetro os conhecimentos institucionalizados e acadêmicos da mulher cultivada.

Na opinião de Vilma Arêas (2005), com a publicação do livro *A descoberta do mundo* – constituído por crônicas escritas entre 1967 e 1973 –, podemos seguir o método de trabalho da escritora descrito por ela própria como “coser para dentro”, às vezes emendando vários trechos escritos em ocasiões diversas para elaborar um tecido único. Nesses escritos – cartas, entrevistas, crônicas –, tecidos “com a ponta dos dedos”, verifica-se uma relação profunda com o restante de sua obra ficcional, aquela “das entranhas”, representadas por seus romances mais bem elaborados, pois retraçam um movimento coerente e circular, embora intermitente, articulando-se harmonicamente.

Gaston Bachelard, em sua *A poética do devaneio* (1988), ressalta que o fio de uma única infância está entrelaçada com o fio de muitas infâncias. O tempo da infância é o tempo das sensações livres e não o tempo dos acontecimentos datados. Só o olhar da memória adulta domestica as muitas infâncias que fomos com um único fio narrativo:

Quando, na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente reviver os tempos da primeira vida, vários rostos de criança vêm ao nosso encontro. Fomos muitos na vida ensaiada, na nossa vida primitiva. Somente pela narração dos outros é que conhecemos a nossa unidade. No fio de nossa história contada pelos outros, acabamos, ano após ano, por parecer-nos com nós mesmos. Reunimos todos os seres em torno da unidade de nosso nome (p. 93).

Nilson Dinis, em seu livro *Perto do coração criança* (2006), aciona uma série de pertinentes indagações sobre o assunto: Como capturar uma infância que são muitas infâncias? Como desenhar um menino que são muitos meninos? Como olhar a infância ao mesmo tempo nos desviando do nosso olhar de adulto civilizado e domesticado? Como desenhar o menino? Como desenhar a infância? Como falar da infância sem interceptar seu voo de pássaro livre? Como se aproximar de um objeto que vive fugindo? Falar do mistério do menino talvez seja como falar também do mistério do espelho. O que é um espelho? Não existe a palavra espelho – só espelhos, pois um único espelho é uma infinidade



deles. O que é um menino? Não existe a palavra menino – só meninos, pois um único menino já é uma infinidade de meninos. E o autor conclui, citando Clarice Lispector:

Quem olha um menino conseguindo ao mesmo tempo isenção de si mesmo, que consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade é ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – então percebeu o seu mistério. Para isso, há de surpreendê-lo sozinho, brincando consigo mesmo, sem esquecer que o mais tênue movimento diante dele poderia transformá-lo em simples imagem de nossa imagem (p. 203).

**Artigo recebido: 08/03/2011**

**Artigo aceito: 15/07/2011**

### **Referências bibliográficas**

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBOSA, Vânia Maria Castelo. “O espaço imaginário na literatura infantil de Clarice Lispector”. In: GOMES, André Luís (org.). *Clarice em cena: 30 anos depois*. Anais do Seminário Internacional. Brasília: 2008, pp. 319-325.

DINIS, Nilson. *Perto do coração criança: imagens da infância em Clarice Lispector*. Londrina: Eduel, 2006.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo. Crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: EU. A não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company-Xerox do Brasil, 1997.

PAZ, Octávio. “A dialética da solidão”. In: \_\_\_\_\_. *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1984, pp. 182-183.

PESANHA, José Américo Motta. *Carta a Clarice Lispector*. São Paulo, 05 de Março de 1972. Arquivo Clarice Lispector da Fundação Casa de Rui Barbosa.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.